

Arte e Ciência no Brasil holandês

Elly de Vries

Contexto Histórico

No final do século XVI, a Holanda desenvolvia-se rapidamente nos campos da cartografia, da construção naval e dos instrumentos de navegação, começando a participar da conquista de novos territórios, ao lado de portugueses e espanhóis.

Em 1580, com a união das coroas ibéricas, que duraria até 1640, o Brasil passara a ser domínio espanhol. **Em 1581**, a Holanda, dominada pela Espanha desde 1551, declarara-se uma república independente, tendo combatido Madri até 1648 (com uma trégua entre 1609 a 1621).

Em 1602, foi fundada a Companhia das Índias Orientais (WOC), rapidamente transformada numa grande fonte de riqueza para a Holanda, que, incentivada pelo sucesso do empreendimento, fundou, em **1621**, a Companhia das Índias Ocidentais (WIC). Tão importante quanto o comércio de açúcar e pau-brasil e a implantação de colônias

agrícolas — visando o domínio sobre a produção do açúcar — era a pirataria, outro objetivo da Companhia. Ao fim da trégua de doze anos, entre 1609 e 1621, a Holanda voltaria a atacar o inimigo, não somente nos seus próprios territórios (BR território esp.) como também nos mares, corseando a carga de navios que retornavam carregados à Espanha. Ao bloquear a entrada dessas riquezas, dificultava-se o financiamento da guerra deste país contra a Holanda. Um ponto estratégico de onde a pirataria facilmente poderia ser organizada era a costa do Nordeste brasileiro.

Do ponto de vista econômico, a costa brasileira era particularmente atraente. Após uma tentativa frustrada de tomar Salvador, na Bahia, em 1624-1625, a Companhia passou a empenhar esforços para conquistar Pernambuco — região igualmente favorável, devido ao cultivo da cana-de-açúcar.

Em 1628, os holandeses capturaram uma importante carga de navios espanhóis, o

que lhes permitiu investir no equipamento de uma nova esquadra para invadir o Brasil. Dessa forma, **em 1630**, os holandeses capturaram Olinda, firmando-se assim no Brasil e cuidando logo de expandir seu território, de modo que uma razoável extensão da costa do Nordeste brasileiro ficasse sob seu domínio.

Em 1636, os diretores da WIC decidiram enviar ao Brasil um governador-geral que consolidasse o poder nos territórios conquistados, aumentando a produção de açúcar e, conseqüentemente, os lucros da Companhia. A escolha recaiu sobre um jovem oficial de apenas 32 anos, João Maurício de Nassau-Siegen.

O Conde de Nassau (em 1652, príncipe) nasceu em 1604, em Dillemburg, Alemanha. Por parte de pai, tinha parentesco com a família real holandesa e, pelo lado materno, com a corte dinamarquesa. Após estudos nas Universidades da Basileia e de Genebra, Nassau estudou em Kessel, na Alemanha, onde começou a interessar-se por artes e ciências. Por volta de 1620, iniciou carreira militar em Haia, alistando-se mais tarde no exército holandês, quando veio a adquirir certa fama nas batalhas contra os espanhóis. Confiando nas suas capacidades administrativas e habilidades militares, a Companhia designou-o como seu representante e governador.

A partir de então, é interessante notar como a administração de Nassau desenvolveu-se a partir de um conceito bas-

tante diverso do adotado pela maioria de seus contemporâneos que iam para o Oriente. Isso fica evidente logo de saída, quando da escolha dos integrantes de sua comitiva, constituída não somente dos soldados e oficiais de praxe, mas também de cientistas e artistas. Entre estes encontravam-se os cientistas Willem Piso (ou Pies) e Georg Marcgrave e os artistas Albert Eckhout e Frans Post. É sobre o trabalho inestimável realizado por essas pessoas no Brasil, no século XVII, que falarei no próximo bloco.

Durante sua estada de quase oito anos no Nordeste, Maurício de Nassau construiu dois palácios — o Friburgo e o Boa Vista —, diques, pontes, praças, bem como concebeu uma nova cidade, a “Cidade Mauritia”. É interessante salientar que esses feitos não encontram paralelo em nenhum outro território ocupado pelos holandeses.

O Palácio Friburgo era também conhecido como *Palácio das Duas Torres*, ambas utilizadas por Marcgrave como observatórios astronômicos. Nassau fez com que ali fosse também instalado e organizado um jardim zoológico e botânico, com todos os tipos de animais e plantas encontrados na região. Muitos desses animais eram presenteados a Nassau por moradores e colonos de localidades mais afastadas.

Torna-se, pois, evidente aqui o papel de Maurício de Nassau como mecenas das

artes e da ciência no Novo Mundo — um príncipe colonizador humanista —, já que, ao longo de sua estada no Brasil, foram incentivados e realizados estudos em diversas áreas do conhecimento, tais como a zoologia, a botânica, a etnologia, a cartografia e a astronomia.

Do ponto de vista político e econômico, a situação começou a deteriorar-se rapidamente **depois de 1640**, quando os portugueses tornaram-se novamente independentes da Espanha, voltando a preocupar-se com seus domínios no Brasil.

Maurício de Nassau insistiu várias vezes para que os diretores da Companhia lhe enviassem mais recursos para expandir suas forças militares. Suas requisições, no entanto, não foram ouvidas, em parte devido a problemas financeiros que a Companhia então enfrentava, em parte porque pendia sobre ele a suspeita de ser um esbanjador que se ocupava de empreendimentos elitistas às custas da Companhia, sem visar lucros para a mesma.

Em 1644, Maurício de Nassau retornou à Holanda. **Em 1654**, Pernambuco rendeu-se aos portugueses. **Em 1661**, a Companhia, num acordo, abriu mão de todos os seus direitos sobre o território.

Cientistas e artistas no Brasil holandês

Sob o patrocínio e orientação de Maurício de Nassau, trabalharam aqui dois artistas — Frans Post e Albert Eckhout — e dois cientistas — Guilherme Piso

e Georg Marcgrave. Todos jovens, com idades que variavam de 25 a 27 anos.

Guilherme Piso era médico pessoal de Maurício de Nassau e desenvolveu aqui um valioso estudo das plantas e suas atribuições medicinais.

Georg Marcgrave, alemão, era médico, astrônomo, cartógrafo, matemático e naturalista; estudara na cidade de Leiden, após ter freqüentado já nove universidades na Alemanha. Era um desses cientistas multidisciplinares e encontrou no Brasil um campo ilimitado para sua pesquisa.

O trabalho realizado por Piso e Marcgrave resultou, após o regresso à Holanda, na publicação do livro *Historia Naturalis Brasiliae* em 1648, editado por Johannes de Laet sob o patrocínio do próprio Maurício de Nassau. É importante mencionar que se trata de uma obra subdividida em oito volumes: os três primeiros tratam das plantas; o quarto, dos peixes; o quinto, das aves; o sexto, dos quadrúpedes e serpentes; o oitavo, da região e de seus habitantes, incluindo-se neste um apêndice sobre os tapuias e chilenos. Os dados científicos contidos na obra foram principal fonte de pesquisa no campo da ciência natural para espécies da flora e fauna brasileiras, até o final do século XVIII, sendo somente então suplantados.

Os resultados artísticos da estada de Nassau e sua equipe no Brasil não foram menos impressionantes.

Albert Eckhout, que veio como retratista, debruçou-se também sobre a fauna e a flora. Muitos desses desenhos foram mais tarde aproveitados como base para as xilogravuras do livro HNB, bem como para a composição de quadros e tapeçarias.

Para analisar as principais obras de Albert Eckhout, observemos os retratos de quatro casais, que hoje pertencem ao acervo do Museu Nacional da Dinamarca, a saber:

Homem - Mulher Tapuia

Homem - Mulher Tupinambá

Mestiço - Mameluca

Negro - Negra

Esses quadros têm 2,60 metros de altura e retratam as várias etnias residentes no Brasil à época, bem como aspectos da miscigenação de raças. Os retratos impressionaram, a princípio, pelo tamanho e, a seguir, pela notável e detalhada observação etnográfica dos tipos humanos. Representam etnias ao mesmo tempo em que exibem a riqueza e exuberância de pormenores botânicos e zoológicos.

Nunca antes os povos americanos foram vistos e tratados com a dignidade conferida a essas figuras pelos artistas.

Os painéis com frutas

As naturezas-mortas de Eckhout mostram a riqueza das frutas tropicais e revelam uma postura quase didática do artista em relação ao objeto retratado.

Tapeçarias

São conhecidas como a *Série das Índias*. Consiste de oito temas básicos, baseados originalmente nos desenhos de Eckhout, e confeccionada pela Manufacture de Gobelins, na França, de 1687 a 1730. Quando os cartões ficaram desgastados pelo uso constante, foram encomendados novos cartões ao artista francês François Desportes. Essa nova série estabeleceu uma relação de distinção com a antiga, passando a ser, ambas, conhecidas como *Anciennes Indes* e *Nouvelles Indes*. A segunda série foi confeccionada entre 1740 e 1786.

Frans Post, paisagista, foi incumbido de documentar os cenários rurais e urbanos, os palácios, as fortificações militares, etc. Seu trabalho está inserido no contexto da pintura de paisagem na Holanda do século XVII. Ele filtra a paisagem brasileira com seu modo holandês de ver e pintar. São reconhecíveis em suas obras os mesmos recursos de enquadramento e perspectiva da tradição holandesa. Tendo feito muitos desenhos aqui, retratando ora uma capela, ora um engenho, ao retornar para a Holanda, ele se utiliza desse material com liberdade na composição dos cenários, não obrigatoriamente representando situações reais.

Quando Maurício de Nassau volta à Holanda, Eckhout e Post acompanharam-no e, durante certo tempo, ainda trabalharam para ele, seguindo mais

tarde suas carreiras independentes, mas sempre retrabalhando os temas brasileiros, o que demonstra o quanto a experiência tornou-se significativa, um verdadeiro marco na carreira de ambos.

Morando na Mauritshuis, em Haia, Nassau colhia os frutos de sua missão no Brasil. Primeiro, financiou a publicação do livro de Gaspar Barléu, *Rerum per Octenium in Brasiliae* (1647), contendo um relato dos feitos praticados durante sua estada. Em seguida, publicou o livro, já citado, de Piso e Marcgrave, *Historia Naturalis Brasiliae* (1648).

Em 1652, Nassau entrou para o serviço de Frederico Guilherme I, eleitor de Brandenburgo. Sua coleção começou, então, a espalhar-se pela Europa, por meio de presentes que oferecia em troca de retribuições que lhe conferissem “status” ou alguma recompensa financeira.

O primeiro presente foi feito em 1652, quando, além dos desenhos, Nassau entregou pinturas, móveis e artefatos ao eleitor de Brandenburgo. O segundo presente foi enviado, em 1654, ao Rei Frederico III da Dinamarca. O presente constava de 26 pinturas a óleo e objetos. A última transação aconteceu em 1679, quando Nassau enviou, a Luís XIV, os cartões de Eckhout para confecção de tapeçarias, quadros de Frans Post e objetos.

Desse modo, por muito mais de trinta anos após seu retorno à Europa, semen-

tes dos frutos dos anos brasileiros espalharam-se pelo Velho Continente, que, já há muito, vinha provando de seu caráter de novidade e exotismo. Os ecos da repercussão que esse material provocou no campo das artes e das ciências permanecem inscritos no tempo, como prova de uma experiência sem paralelo na história da colonização do Novo Mundo.